

Este é mais um livro produzido pelo GRUPALFA, Grupo que desde os anos oitenta se dedica a melhor compreender a escola e o que nela acontece, comprometido que é com a construção de uma escola de qualidade para todos e todas, o que continua a ser tão difícil, tanto no Brasil quanto em Portugal e, mais que nunca nos assustadores tempos que vivemos.

Mas este livro tem uma particularidade, pois se destina a nossas companheiras professoras de Portugal. A elas já temos nos dirigido há um tempo através da seção «AFINALonde está a escola?» que a cada mês aparece em a PÁGINA da Educação. Também já por aqui andámos a conversar sobre escola com as professoras do Sindicato do Norte de Portugal – em Santa Maria da Feira, em Santo Tirso, em O Porto, em Mirandela, em Braga. De cada um destes encontros com professoras portuguesas levávamos uma rica troca de afetos e de aprendizagens e nos sentíamos como os griots africanos que levam de aldeia em aldeia as memórias do povo. Nós levávamos a esperança que a cada canto colhíamos e que alimentava nosso sonho de um mundo melhor. Fazíamos parte de uma rede cujo mote era «Um outro mundo é possível».

Em Portugal estivemos a compartilhar nossa imensa alegria com o resultado das últimas eleições para presidente, quando foi eleito Lula, o candidato para o qual tanto trabalhamos por tantos anos. Levávamos connosco a pergunta que a todos mobilizava – O que fazer? Mais uma vez na História a pergunta que busca resposta entre os que lutam pela transformação da sociedade.

Estávamos certas de que muito havia a se fazer numa sociedade que conseguia ser campeã de má distribuição de renda. O Brasil, um país tão rico, era rico apenas para a minoria da população que vinha mantendo os privilégios desde o início de sua história. O Brasil, uma sociedade multicultural, que negava a grande parte de sua população o direito de afirmar a sua diferença, apresentando-se ao mundo como se monocultural fosse. O Brasil, sociedade que conseguia ser na América Latina, a que mais dificuldade ainda apresentava para pelo menos alfabetizar a sua população. O Brasil, que desde sempre, discriminou e excluiu seus filhos afro-brasileiros, indígenas, pobres sempre, sub-empregados ou desempregados quase sempre, analfabetos persistentemente.

E nós, militantes da luta por mudanças neste país e no mundo, nos púnhamos a pensar alto o que nos cabia fazer com a vitória do PT. Encontros, debates, planos, convencidos e convencidas que estávamos de poder transformar nossos sonhos coletivos em realidade. Não se tratava de aspirar ao exercício do poder, que isto era velho conhecido de todos e todas, pois sabíamos que a ambição de poder vem sempre acompanhada de perda de potência das experiências vividas no cotidiano. Nosso desejo estava na alegria solidária do poder de fazer. Tanto por fazer que nos desafiava a fazer. Se outro mundo é possível, e este era o nosso refrão, era preciso construí-lo coletivamente. E fomos a Portugal compartilhar com nossos companheiros e companheiras este nosso sonho coletivo de que «um outro mundo é possível».

Hoje nossas perguntas são outras. Estamos a nos perguntar onde e quando começamos a não ver, cegos que fomos ficando pela falta de coragem de ver o que já se mostrava e nos apavorava. Olhamos à volta e pouco vemos que possa alimentar nossa esperança de «um outro mundo possível». Hoje, no mundo que se auto-denomina a civilização ocidental, vemos que antes se mata para depois justificar a morte, o novo Império primeiro invade terras de outros povos para depois construir uma explicação que só a eles próprios convence. Os que exercem o poder, sequer com a preservação do planeta

Terra, Gaia, onde eles e seus filhos e filhas também vivem, se preocupam e mantêm-se como os mais terríveis poluidores em nome do desenvolvimento e do bem estar e conforto dos poucos que o podem pagar.

E o que nos resta fazer face ao que se nos é apresentado como única alternativa?

Nossa mensagem, com as poucas esperanças que nos restam ou, se quisermos ou pudermos, com o otimismo da ação que caracteriza a todo militante da luta por um mundo melhor, é que há que se reinventar o mundo e, no mundo, a escola, para que nela possam se formar novas gerações mais generosas, mais solidárias, mais capazes de respeitar os diferentes de si, mais capazes de exercer a humanidade, queremos crer, nosso destino.

E talvez como o poeta afirmar que

Lutar é preciso

Viver não é preciso

1 Dominância da escrita – Livro

Dominância da tela – imagem

E a escola o que faz com isto?

Regina Leite Garcia

A escola é uma instituição que tem tido muita dificuldade em acompanhar os avanços da Ciência, ou pelo menos, incorpora seletivamente alguns avanços, deixando outros de lado. Neste texto pretendo trazer uma discussão que as neurociências já vêm pesquisando há um tempo e que as evidências empíricas não têm sido consideradas, apesar de serem óbvias no cotidiano escolar.

Ao fazer esta afirmação, na verdade, faço auto-crítica, pois pesquisando, estudando e teorizando sobre o processo de aquisição da linguagem escrita, denominado por alguns teóricos **alfabetização**, *stricto sensu* e *lato sensu*, e ultimamente por outros afirmado **letramento**, no Brasil, e **literacia**, em Portugal, lá e cá tendo tomado **letramento** e **literacia** da denominação genérica **literacy** da língua inglesa, temos nos limitado a focar o aspecto político (quem são os analfabetos e que papel social desempenham em sociedades desiguais), o aspecto metodológico (qual o melhor método que, segundo seus “proprietários” ou difundidores, garantiria que todos se alfabetizassem), alguns lingüistas (que defendem a impossibilidade de alguém poder atuar como professora alfabetizadora se não tiver um razoável domínio dos conhecimentos da lingüística), chegando à discussão conceitual (alfabetização ou **letramento** – o que distinguiria alfabetização do **letramento** ou da **literacia**).

Enquanto os teóricos afirmam seus saberes teóricos (tantas vezes desvinculados da prática) sobre o complexo processo que vive uma criança que, tendo o domínio da lingua-

gem oral é levada na escola a se iniciar no mundo da linguagem escrita, no cotidiano das escolas, as professoras, às quais é imputada a responsabilidade de transformar analfabetos em alfabetizados em apenas um ano de escolaridade, se vêm à mercê do grupo hegemônico que impõe a todas as escolas, como deve atuar a professora de modo que todos os alunos e alunas aprendam a ler e escrever. E o que a experiência vem comprovando é que a imposição do que quer que seja às professoras que atuam nas escolas, é fadada ao fracasso pois que a professora no interior da sala de aula faz aquilo em que acredita e não o que lhe dizem ser o melhor. Quantas e quantas vezes ouvi de professoras:

Agora a moda é ser construtivista e devemos deixar que as crianças construam conhecimentos sobre a linguagem escrita. E como não se deve mais reprovar os que não aprendem, pra que perder tempo ensinando?

Ou então, em reuniões de professores e professoras ou Conselhos de Classe:

Como posso ensinar os conteúdos de História para quem não sabe ler?

Ou ainda

O fracasso da escola se deve a que as crianças não são alfabetizadas lá na primeira série e chegam à oitava série sem saber ler e escrever e não podem aprender Matemática, História, Geografia ou Ciências.

Às professoras das primeiras séries é imputada a responsabilidade pelo fracasso escolar, vez que ali, do ponto de vista de quem as responsabiliza pelo fracasso, seria o momento da vida de uma criança em que ela é iniciada no mundo das normas da língua escrita, como se o problema fosse apenas de uma simples correspondência/ tradução da linguagem oral para a linguagem escrita. Tudo o que acontece posteriormente estaria ligado à aprendizagem inicial – aprender a ler e a escrever... como se fosse muito simples e como se o processo de alfabetização tivesse início na primeira série e, ao final desta mesma série devesse estar consolidado.

Leram Paulo Freire e tantos outros estudiosos do processo de aquisição da linguagem escrita. No entanto esquecem, ou

querem esquecer, o que por Freire é enfatizado – que a alfabetização começa muito antes da criança entrar na escola e acompanha não apenas toda a escolaridade, mas toda a vida. Nesta perspectiva estaremos todos e todas nos alfabetizando durante toda a nossa vida.

Muito deveríamos estar aprendendo nas classes de alfabetização e antes mesmo, nas classes de educação infantil, acompanhando a escolaridade de crianças que vão sendo empurradas a cada ano para uma série posterior, sem que seja feita uma avaliação criteriosa sobre o processo que acontece no cotidiano da escola. Quando digo isto não estou propondo a punição das crianças com a reprovação, mas que se avalie o resultado do trabalho docente, e o que vêm revelando as pesquisas, de modo que possamos repensar a nossa prática pedagógica e investigadora, contribuindo assim para que todas as crianças avancem na ampliação de conhecimentos indispensáveis numa sociedade letrada que se pretenda moderna.

As pesquisas vêm confirmando em toda parte que as crianças que passam pela experiência de freqüentar a escola antes dos 6 e 7 anos, a chamada pré-escola ou escola de educação infantil ou mesmo jardim de infância, apresentam mais tarde um rendimento muito mais significativo, com insignificante incidência de reprovação ou insucesso escolar. Pudera não. A educação infantil oferece às crianças a oportunidade de se iniciar em diferentes linguagens, numa perspectiva freireana de alfabetização como leituras de mundo – ler o mundo, cantar o mundo, dançar o mundo, teatralizar o mundo, usar o corpo para expressar o que sabe do mundo, pintar, desenhar, esculpir, rabiscar, escrever, ler as palavras, ler as imagens, sonhar e imaginar, criar e compartilhar, trabalhar e brincar, aprender a solidariedade e o respeito, conviver com a linguagem televisiva, a vídeo linguagem, a linguagem cinematográfica, a linguagem cibernética. E mesmo quando não dispõe de grandes e sofisticados recursos tecnológicos, a boa escola de educação infantil se vale da alegria de conviver, criar, inventar, descobrir, reaproveitar materiais e aproveitar toda a riqueza que a natureza nos oferece. Um passeio pelo bairro pode ren-

der tanto ou mais do que materiais já prontos que pouco oferecem como desafio à criação. Uma aula ao ar livre, ao redor da própria escola, pode levar à fantasia coletiva. Um "coisário" que seja como um museu de coisas guardadas, ou descobertas, ou recolhidas ao acaso pelo caminho entre a casa e a escola, ou oferecidas pela avó como lembrança de uma história que traz ao presente o passado quase esquecido e que faz reviver a história e antecipar o futuro pode se constituir em precioso material de aprendizagem e criação. Ou, quem sabe, inspirados em nossas histórias portuguesas, que encontramos no livro de Pedro Dias, criarem um "contador das cenas familiares", a exemplo dos encontrados no mobiliário indu-português, ou mesmo um cofre-relicário e, num ou noutro, guardarem as suas reliquias e irem aprendendo a nossa História de um povo navegador que andou pelo mundo muito antes de tantos outros e, ouvindo esta história se orgulhar de um aventureiro passado se preparando para construir um futuro generoso.

Afinal a escola de educação infantil pode ser a revivência do poeta maior que canta tudo valer a pena quando a alma não é pequena.

E, sem mais rodeios, vamos então ao que me levou a este texto, que não pretende colocar um ponto final na questão não resolvida do fracasso escolar, mas apenas trazer o que tem me instigado a refletir sobre o mundo em que vivem as nossas crianças e o mundo que encontram nas escolas que são obrigadas a freqüentar, nem sempre com prazer.

Como meus poucos conhecimentos de neurociências não me permitem trazer o resultado de suas pesquisas, pois me sentiria como o sapateiro que foi além dos sapatos na conhecida historinha do artista-pintor, trago o resultado dos estudos de Gunther Kress, que fala do que, de seu ponto de vista, seria o ensino na era da informação, e que muito me tem feito pensar. Seus estudos, bem como o de outros estudiosos da linguagem, nos chamam a atenção para mudanças radicais que estão a se dar na contemporaneidade, ainda que muito lentamente sejam levadas em consideração pela escola, quando esta chega a fazê-lo.

Se Manuel Castells está certo, assim como a energia elétrica penetrou no cotidiano das pessoas e das cidades no final do século XIX, as tecnologias da informação estão mudando a vida da sociedade a partir do século XX.

Estarão mudando as escolas face a mudanças tão radicais?

A forma canônica de representação da escrita, preocupação maior da escola, foi sendo superada fora da escola, de acordo com alguns estudiosos da linguagem, por outra forma ainda não canonizada, a imagem, com importantes consequências nos modos de produção de conhecimentos. Por diferirem profundamente no seu modo de relacionar-se com o mundo, a dominância da escrita ou a dominância da imagem, têm produzido mudanças importantes na construção/negociação/comunicação de *significações*, como quer Humberto Eco, ou *sentidos* como nos chegou de Bakhtin, sempre desconfiando das traduções que antes de chegar ao português passaram pelo inglês ou pelo francês. Afinal, como afirma Benjamin, *ogni traduttore traditore*.

Até um tempo, tempo este que se mantém como a verdade para muitos, havia uma ordenação na escrita e na leitura, a ser seguida por todos e que levou ao fracasso de tantos. Talvez esta seja a explicação para o até então inexplicável. Como explicar, por exemplo, a "ignorância" de alguém tão importante como Benoit Mandelbrot, que se diz incapaz de "ler" o alfabeto?

Mandelbrot, admirado e respeitado no mundo das ciências hoje, por ter revolucionado a geometria tradicional criando a geometria fractal, afirma até hoje ignorar o alfabeto, tendo portanto imensa dificuldade para consultar um catálogo, ainda que possa ver coisas que outras pessoas não conseguem ver. Ao fazer exame para a Escola Politécnica da França, por exemplo, conseguiu excelentes notas apenas por que traduzia mentalmente as perguntas em imagens. "Eu não programo os computadores, mas encontrei modos de trabalhar de forma muito interativa com notáveis estudantes e assistentes. Na realidade desenvolvi uma capacidade para contribuir para

eliminar erros de programas que não sei ler, analisando as imagens errôneas que produzem estes programas?"

E a escola o que aprende com a relação de Mandelbrot com o alfabeto e com as imagens?

O texto escolar apresenta, desde sempre, uma ordem que sugere ou obriga à leitura seguir cada palavra após a que a antecede, cada linha ser lida após a anterior, cada página dar continuidade ao que estava escrito na página anterior. O texto é apresentado pronto para ser disciplinadamente lido. Alguns, talvez mais curiosos, vão ler a última página ansiosos por antecipar o fim da trama, embora o que a escola recomende seja a leitura linha por linha, página por página, capítulo após capítulo. Esta sempre foi e continua sendo a leitura considerada correta, e quem assim o faz, era e ainda é considerado o bom leitor ou a boa leitora. Escrita e leitura devem seguir, ainda hoje como ontem, o cânone da língua (as línguas ocidentais, em nosso caso, apesar das tentativas de rompimento de Walter Benjamin), do gênero (conto, romance, relatório, tese, bilhete, ou o que fosse), o que não significa que excepcionalmente não pudesse aparecer um Joyce, para anunciar tempos novos.

O problema na escola é que todos e todas nós, professores e professoras, somos filhos da hierarquização dos conhecimentos, da aprendizagem seqüencial, do texto linear, que obriga a seguir o mesmo caminho para ter sucesso na aprendizagem, seja do que for, inclusive da leitura e da escrita.

O culto da autoria convida à subserviência ao que foi escrito e como foi escrito pelo autor. Apesar da antecipação dos estudos de Bakhtin, ao pôr em questão a própria idéia de autoria, que deveriam nos ajudar a melhor compreender o que vem acontecendo como conseqüência do aparecimento das novas mídias, a geração orientada pelo texto-livro, volto a dizer, a geração dos professores e professoras continua fiel à mesma lógica, trabalhando para que todos e todas, nossos alunos e alunas, também o façam. Computadores na escola sim, mas sem levar em conta que se trata de uma outra lógica que permite e convida a outra relação com o texto apresentado, seja o jornal, seja o artigo, seja o jogo, seja o hipertexto.

Hoje, com a dominância crescente da tela imagética, muda a lógica, não mais se exigindo a subserviência ao texto, mas a efetiva e surpreendente múltipla produção de sentidos. O leitor ou leitora, passeia pelo texto e vai trabalhando no sentido de produzir sentidos, abrindo entradas, criando outras, num processo com possibilidades infinitas de inovação. Mesmo um leitor ou leitora de jornal papel, ao abrir o jornal em seu computador, passeia pela tela e cria a sua própria edição do jornal. E o editor profissional, o que será dele? E o próprio jornal-papel, desaparece ou há que ser reinventado? Não por acaso alguns jornais já inovam, acabando a venda avulsa e limitando o seu lucro à propaganda divulgada pelo jornal oferecido pela tela imagética. Jornais distribuídos e não vendidos. Assim também, algumas editoras, cansadas de lutar contra as possibilidades oferecidas pela Internet de leitura direta no computador, organizam-se para pensar junto com outras editoras como resolver a sua própria sobrevivência. E quantos autores e autoras criam os seus próprios sites, oferecendo os seus livros, dando cursos virtuais, ampliando as suas possibilidades de socializar a sua produção.

Com estas mudanças e outras que estão por vir, a produção de sentidos torna-se um trabalho real, um trabalho semiótico, em que o leitor/escritor torna-se um trabalhador que se transforma ao produzir/transformar sentidos. Produz-se uma mudança nos recursos e mudanças naqueles que a produzem. Cada um/uma produz a sua própria ordem. Cada um/uma torna-se autor/autora ao ler/escrever o texto que originalmente foi "escrito" por outro autor, autor numa outra concepção de autoria, que lhe garante um status que a poucos e poucas é conferido.

Em sua lucidez, Barthes já profetizava estes novos e, para tantos e tantas de nós, surpreendentes tempos, ao escrever "A morte do autor". Talvez melhor seria dizermos A democratização da autoria, pelo desaparecimento da autoria como propriedade, tão cultuada pela sociedade capitalista.

Como afirma Kress, literacy is meaning, em português, alfabetização é sentido, sentido que cada um constrói ao ler,

ao escrever, o que se torna impossível quando as crianças são colocadas como um rebanho a seguir o pastor, todas entrando pela mesma porta e devendo sair pela única porta que se lhes oferece.

Se assim é, que sentido teria a "alfabetização" que começa com a apresentação das letras, das vogais (como se fossem 5), em seguida das sílabas, chegando às palavras "sem complicações", para finalmente, depois de muito repetir e memorizar, chegar a frases, muito simples e pouco interessantes, como o clássico:

*O véu é da viúva.
Dudu deu o dado ao Davi*

E tanto temos observado em nossa pesquisa, situações que seriam cômicas, não fossem trágicas, como a do menino que logo no início da primeira série pede à professora que lhe ensine a escrever Ronaldinho, seu herói. E a professora, tão cônica do método a ser seguido, lhe responde:

Ronaldinho é uma palavra muito difícil, fica para o segundo semestre.

Ou a situação vivenciada por Sandra, nossa companheira do GRUPALFA, quando sua filha começava a se alfabetizar numa escola considerada muito avançada. Estava ela a escrever sentada na mesa enquanto sua filha brincava ao seu lado de desenhar e escrever. Num momento dado, a menina lhe pergunta:

Mamãe, posso escrever cavalo?

Sem entender a pergunta, Sandra lhe pergunta se ela já sabe escrever cavalo e se o sabe, porque lhe perguntar se poderia escrever. Ao que sua filha responde:

É que a professora disse que a gente só pode escrever o que ela já tiver ensinado. E ela não nos ensinou a escrever cavalo. Posso escrever em casa?

No entanto, apesar do controle da escola, em que cada passo é pré-determinado e avaliado (leia-se controlado), e em

que cada passo deve ser como ordem unida no quartel, de repente aparece uma criança e ousa dizer a Carmen Sanchez, pesquisadora, também nossa companheira do GRUPALFA:

Sabe como eu aprendi a ler? Foi quando eu misturei tudo isto.

O "tudo isto" era o alfabeto colocado no alto da sala de aula. Aquele menino fez com o alfabeto o que qualquer usuário inteligente do computador faz quando se depara com um jornal, um texto, um livro, uma mensagem na tela imagética. Escolhe uma entrada, e se põe a passear pela tela, da qual pode sair a seu bel prazer e vai construindo sentido naquilo que produz. O aluno observado por Carmen também foi construindo sentido no que, apenas colocado no alto da sala de aula, pouco sentido teria. Sem saber, confirmou o que autores como Morin ou Prigogine afirmam. Do caos(segundo Prigogine) ou da desordem(segundo Morin) pode surgir uma nova organização.

O menino, que anteriormente se queixara a Carmen que não aprenderia a ler e escrever ... *porque a professora não sabe ensinar*, misturou as letras do alfabeto, até então colocadas na ordem que exige o cânon de nossa língua, aparentemente produzindo o caos ou a desordem. Mas, ao misturar, foi descobrindo que poderia produzir o novo – palavras e a elas dar sentido. Tornava-se autor e não mero reprodutor do que até então lhe era ensinado e cobrado pela professora. Rompera com a mesmice da cópia, do ditado, dos exercícios de separação de sílabas.

Tantas histórias de nossa pesquisa eu poderia contar, tantas histórias eu tenho certeza poderiam ser contadas por professoras a partir de sua experiência.

Algumas considerações finais

Enquanto pesquisadores e pesquisadoras tentam melhor compreender o complexo processo de tornar-se usuário potente da linguagem escrita, enquanto são procuradas explicações e culpados ou culpadas para o fracasso escolar e a inca-

pacidade da escola para universalizar o alfabetismo, enquanto alguns buscam e/ou acreditam ter encontrado o melhor método por lhes parecer ser o bom método a solução para o problema não resolvido do analfabetismo, na escola as crianças patinam nos caminhos únicos do método que lhes é imposto para aprender a ler e a escrever e as estatísticas lá na frente insistem em denunciar que os alunos e alunas chegam à 8ª série sem o esperado domínio da leitura e da escrita. Quantas vezes em reuniões de colegiado de Mestrado e Doutorado aparecem as queixas de "como chegou aqui sem saber ler e escrever?"

A escola, tantas vezes é como se colocasse todas as crianças num trem que partiria do mesmo lugar, a estação do "Não saber ler e escrever" acreditando que se o trem não sair dos trilhos, ao final, todas as crianças chegariam ao mundo maravilhoso da literacia (como dito em Portugal) ou do letramento (como de uns tempos para cá se passou a denominar no Brasil), tanto lá como cá, partindo de literacy, como dito acima, pedido emprestado à língua inglesa.

Enquanto as discussões, de tanta repetição vão se tornando bizantinas, algumas crianças, oxalá fossem muitas, quiçá todas, saltam do trem da linearidade do método e vão criando os seus próprios métodos de aprender, de descobrir, de criar, de inovar, de produzir sentido, de produzir conhecimentos. Saem da linha do trem que parte de uma estação e vai parando para que todos e todas cheguem juntos ao final da linha, e vão correndo livres por campos e praias, por atalhos e por encruzilhadas, ousando explorar o desconhecido, atentas ao mundo que as cerca e desafia a conhecer, abrindo picadas e descobrindo/produzindo o maravilhoso mundo das múltiplas leituras. E lá vão elas fazendo surpreendentes leituras do mundo, e nestas fascinantes leituras de mundo descobrem a palavra e tudo que a palavra traz de possibilidade de dizer o mundo. Tornam-se leitores e escritores autores de seu próprio script.

Para finalizar apresento os autores citados em meu texto:

Günther Kress em seu artigo "O ensino na era da informação: entre a instabilidade e a integração", no livro "Currículo na contemporaneidade - incertezas e desafios", org. por Regina Leite Garcia e Antonio Flavio Barbosa Moreira e editado em 2003 por Cortez Editora.

Benoit Mandelbrot que aparece citado por John Briggs & F. David Peat em seu "Turbulent Mirror" editado por Harper & Row Publishers, em 1989, New York.

Pedro Dias em seu "O contador das cenas familiares", editado por Pedro Aguiar Branco V.O.C. Antiquidades Ltda, em 2002, em O Porto.

Fernando Pessoa em sua Obra Poética, editada pela Companhia Aguilhar Editora em 1960 no Rio de Janeiro.

Manuel Castells citado no Caderno Informática etc do jornal O Globo do dia 4 de julho de 2002.

Walter Benjamin em Illuminations, editado por Hannah Arendt em 1968, Schocken Books, New York.

M.M. Bakhtin em Speech Genres & Other Late Essays, editado por Caryl Emerson and Michael Holquist em 1986 pela University of Texas Press.

Outros estão invisíveis dialogando comigo ou falando através da minha fala. Estou certa que meus leitores e leitoras os irão tornando visíveis à medida que me honrarem com sua leitura pois, afinal, é parte da aventura da leitura ir garimpando no texto o que foi insinuado mas não escancarado.